



**FIAC PETROBRAS**  
apresenta

**FESTIVAL  
INTERNACIONAL  
DE ARTES  
CÊNICAS  
DA BAHIA**  
fiac  
Bahia

Saiba tudo sobre a oitava edição do Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia. Confira programação completa

notícias

quem somos

contato

[f](#) [t](#) [v](#) [p](#) [i](#) [c](#) | [Pesquisar](#) [Q](#)  
edições anteriores

editorial

espetáculos

atividades formativas

espaços

pátio fiac petrobras

dramaturgia espanhola

parceria fiac oi kabum!

bilheteria

parceiros

## Alex Cassal: “O que me impulsiona é imaginar como seria a existência de algo que ainda não existe”

+ notícias

Os diretores Alex Cassal e Dani Lima convidaram outros criadores de procedências diversas para um jogo: um projeto cujo processo criativo se baseasse no acaso. Cada um, por sua vez, convidou um intérprete-criador. Assim foi armado *6 Modelos para Jogar*, que propõe desarrumar os lugares do artista, do público e de quem mais entrar na brincadeira. O espetáculo está em cartaz pelo FIAC, terça e quarta (27 e 28/10), no Teatro Martim Gonçalves.

Por Joceval Santana

*6 Modelos para Jogar* se inspira no livro *O Jogo da Amarelinha*, do argentino Julio Cortázar, cuja proposta são as possibilidades de combinação de “peças” de diferentes registros de linguagem? Como isso foi transposto para o palco?

*O Jogo da Amarelinha* foi nosso ponto de partida e uma baliza que esteve presente em todas as etapas do processo, mas desde o princípio já sabíamos que esta não seria uma adaptação do livro de Cortázar para os palcos. Quando Dani Lima e eu começamos a pensar neste projeto, há cerca de dois anos, falávamos em reunir criadores de procedências diversas em um processo criativo baseado no acaso. Cortázar apareceu logo nas primeiras conversas: ambos compartilhamos o gosto por sua escrita desacomodada, investigativa, sedutora, aventureira. A maneira como ele transforma acontecimentos cotidianos e banais em paisagens fantásticas e iconoclastas. Suas histórias atravessadas pela ideia de jogo, exercício, brincadeira, imprevisto. Ao pensar em Cortázar, foi natural pensar em *O Jogo da Amarelinha*, este convite irresistível para que cada leitor se perca em seus capítulos como poderia se perder nas ruas de uma cidade desconhecida. Mas também passamos por outras obras suas, como *62 Modelos para Armar*, *A Volta ao Dia em 80 Mundos* e *Os Autonautas da Cosmopista*. E vieram ainda outras referências: Sophie Calle, Thomas Lehmen, Brian Eno, Gilles Deleuze, Duchamp, John Cage, Manet, Ava Rocha, Alan Turing, Arthur Aron, Antonioni, Kiarostami, Bela Tarr, Tim EtcHELLS, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Xavier Le Roy, só pra falar de alguns. Cortázar foi mais uma peça de um jogo aberto a todas as referências que nos contaminam e influenciam.

Marcio Abreu, Cristian Duarte e Denise Stutz, além de você e Dani Lima, que conceberam o projeto, assinam a direção. Vocês primeiro pensaram nas peças ou no jogo?

Veio tudo junto, as peças definindo o jogo que reuniu as peças que estão no jogo. Dani e eu somos grandes amigos e já trabalhamos juntos há bastante tempo. Tínhamos essa vontade de iniciar um projeto colaborativo, que pudesse juntar um bando de criadores e dar-lhes espaço para experimentar juntos. Pensamos em nomes próximos, com quem já havíamos trabalhado, como Denise Stutz; e outros que admiramos, mas com quem não havíamos trabalhado antes: Cristian Duarte e Marcio Abreu. Quando fizemos o convite, não era muito mais que isso, um desejo e uma ideia: um espetáculo que fosse como um jogo, em que cada participante vai descobrindo o caminho conforme joga. E que a presença dos outros participantes interferisse no jogo de cada um. Propusemos ainda que cada diretor convidasse um dos intérpretes, alguém com quem já trabalhasse ou quisesse trabalhar. Dani e eu convidamos Renato Linhares, Cristian convidou Júlia Rocha, Denise convidou Fábio Osório Monteiro, Márcio convidou Francisco Thiago Cavalcanti. Cada um vindo de um lugar diferente, com diferentes bagagens. Ou seja, também o elenco foi obra do acaso.

E são artistas que estão no campo da dança, do teatro e da performance. Essa combinação então não foi deliberada?

Quando propusemos que cada diretor convidasse um intérprete, não sabíamos que grupo

## Fim de semana com carona e despedidas

Sábado e domingo (31/10 e 01/11), o Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia (FIAC Bahia 2015) oferece espetáculos na rua, nos teatros e em espaços culturais importantes da cidade e ainda disponibiliza carona para o público não perder nada. O festival se despede de Salvador com uma programação especial ...

leia mais [0](#)

## Marcio Abreu: “A arte é a única coisa que existe no mundo. O resto são vestígios do fim”

Marcio Abreu Com interesse na dramaturgia contemporânea e nos dramas que se esboçam em pequenos núcleos sociais, o diretor Marcio Abreu encontrou em Krum, texto do israelense Hanoch Levin, um terreno fértil para suas excelentes investidas em narrativas fragmentadas e na relação entre ação e palavra. O espetáculo está em cartaz ...

leia mais [0](#)

## “Caranguejo” dobrado na sexta

O espetáculo Caranguejo Overdrive ganha sessão extra nesta sexta-feira (30/10), às 18h, no Teatro do Goethe-Institut. Devido à grande procura de ingressos para assistir à montagem, inicialmente com três apresentações programadas no FIAC, o festival e os artistas da Aquela Cia. de Teatro (RJ) decidiram realizar mais uma sessão. Assim, nesta sexta, o espetáculo acontecerá ...

leia mais [0](#)

resultaria. Poderia ser um cantor de ópera, um acrobata, uma *drag queen*, uma dançarina de lambada, um ator pós-dramático conceitual. E seria diferente, e seria bom, acho. Renato, Júlia, Chico e Osório têm um perfil híbrido, de trânsito entre as várias linguagens, o que muito enriqueceu o processo. Vieram de experiências intensas com artistas como Enrique Diaz, Thelma Bonavita, Lia Rodrigues, Jorge Alencar. E todos têm seus próprios trabalhos autorais, são criadores inquietos e com personalidade, que embeberam cada etapa do trabalho com suas próprias questões, métodos e crenças artísticas. O resultado tem a cara deles e é tão deles quanto dos diretores. Não por acaso, um dos modelos apresentados é justamente a versão “interna”, a perspectiva deles e de Babi Fontana sobre todas as trajetórias e escolhas que fizemos. Este é um processo em que a cadeia autor-diretor-performer-espectador foi sendo subvertida a cada passo, e que as fronteiras entre a “minha criação” e a do outro eram colocadas à prova diariamente, realmente colocadas à prova. Não dava só pra dizer “vamos por aqui e pronto”. Não havia uma autoridade pré-fabricada, era tudo fruto de convencimento, entusiasmo, descoberta, sedução, contaminação. Três semanas para viver intensamente uma relação, explorar suas particularidades, testar seus limites e deixar alguma herança (ou resíduo) para quem viesse depois.

#### Como equalizou os resultados, trabalhando com diretores com uma marca autoral tão definida?

Foi uma experiência radical de alteridade no processo criativo – muita liberdade, mas uma liberdade mediada e desafiada pela presença do outro. Em abril de 2015, tivemos uma primeira fase do trabalho, reunindo todos: cinco diretores, quatro criadores-intérpretes e mais a performer Babi Fontana, que atravessou todas as fases do processo como assistente de direção. Por dez dias estivemos juntos numa sala de ensaios no Rio de Janeiro, mergulhados em algo que ainda não sabíamos o que era, tentando descobrir sobre o que nos interessava falar e de que maneiras. Então passamos este tempo experimentando assuntos e procedimentos. Falamos muito de performatividade, relação com o outro, intimidade, deriva, presença, *loopings*, paisagens, entradas e saídas. Foram dias excitantes, todos exercitando as mesmas coisas, sem considerar uma relação hierárquica do tipo “eu dirijo e você faz”. Todos propunham e todos faziam. E, ao final, separamos alguns fios (bem tênues) que iriam conduzir cada etapa do processo. Depois, cada diretor teve apenas três semanas para se debater com um caminho de dúvidas e possibilidades, escolhendo das etapas anteriores os caminhos que lhe interessavam, decidindo abrir caminhos novos, traçando retornos e atalhos, chegando a becos sem saída. A cada três semanas tudo começava, num exercício enlouquecedor de desapego e invenção. Ao final de cada etapa, algo restava: assuntos e procedimentos, materiais soltos, maneiras de fazer; uma cena com início, meio e fim; uma estrutura que utilizava o que havia sido feito antes. E, finalmente, meses depois, voltamos a estar todos juntos como no início, mas agora alguns dias antes de estrear. Pela primeira vez vimos todos ao mesmo tempo o que foi produzido ao longo do processo: um espetáculo possível feito de materiais muito díspares. Só que ainda poderiam ser diferentes espetáculos – diferentes maneiras de começar e terminar, de encadear e combinar. Qual versão colocaríamos em cena? Debates até a exaustão e escolhemos a solução que poderia ser óbvia desde o início – não fazer um único espetáculo, mas vários. Um para cada diretor: Alex, Dani, Denise, Cristian e Marcio. E mais um para Babi, Chico, Fábio, Júlia e Renato. Seis versões do mesmo espetáculo, todas profundamente autorais, todas atravessadas pela presença do outro.

Ainda tendo o livro como principal referência/inspiração para este espetáculo, *O Jogo da Amarelinha* reflete certo ambiente buliçoso de ruptura nas artes da época. De lá (início da década de 1960) pra cá, muitas experimentações envolvendo a fragmentação da narrativa têm sido feitas, em vários campos das artes, e inclusive no seu trabalho. Continua divertido jogar com os elementos que ela sugere, como colagem, desordem, variação, aresta...

A década de 60 construiu um legado ainda em movimento, que ainda incomoda, que ainda inspira. Há uns anos, o escritor brasileiro Eric Nepomuceno escreveu: “Hoje, quase meio século depois, continua revolucionário. Um livro como uma verdadeira rebelião contra as regras do bom romance. E não se trata apenas do seu lado lúdico, desse labirinto no qual o leitor é orientado a se perder e inventar a própria saída, entre todas as saídas propostas pelo livro. Não: Cortázar desmontou o romance, desarmou sua estrutura, desconstruiu sua arquitetura, revirou sua escrita, que flui como um longo, belo, agoniado improviso de jazz. Estranho, desconcertante, *O Jogo da Amarelinha* estilhaça o tempo, explode espaços, se reconstrói a partir de fragmentos velozes”. Assumir a fragmentação e a desordem é reconhecer a insuficiência de um conceito de mundo que exclui a diferença, a estranheza, a mestiçagem. Um conceito totalizante que exclui o erro. E eu quero errar! Essa aposta num projeto que combina tantos elementos velhos-novos é sem dúvida divertida, e também angustiante (porque criar sem apoiar-se em certezas estabelecidas é divertido e angustiante em partes iguais), e também extremamente política. Este é um projeto que desarruma os lugares dos criadores e também do espectador, do jornalista, do curador, do crítico. Afinal, quem é o diretor desse trabalho? Quem criou aquela cena? Quem teve aquela ideia? É um espetáculo ou são seis? O que é diferente em cada um? Quando Cortázar faz algo como o capítulo 110 de *O Jogo da Amarelinha*, que consiste apenas em um trecho de um livro da escritora Anais Nin, o que ele está fazendo – apropriando-se, provocando, repetindo, criando?

#### Você tem uma trajetória ligada a grupos e parcerias. Cruzar caminhos amplia os horizontes?

Comecei a fazer teatro nos anos 80, em Porto Alegre, com a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, uma estrutura coletiva e anarquista. Isso me deixou meio estragado, talvez. Ainda acho que criar em conjunto é muito mais interessante. E nem sou uma dessas pessoas extremamente sociáveis e extrovertidas, que trafegam com facilidade por diferentes grupos. O encontro com o outro é ainda um mistério pra mim. Mas é também o que dá sentido a esse ofício. Eu não tenho algo a dizer porque sou assim tão original e profundo. Se eu tenho algo a dizer é porque passei algum tempo com os cabeludos do Ói Nóis e do grupo Alcateia, com Cibele Sastre, Ana Maria Taborda, Auro Azevedo, Luciane Olendzki, Jeferson Rachewsky, Renata Azzi e Leela Alaniz, com Dani Lima, Gustavo Ciríaco, Alice Ripoll, Denise Stutz, Flavia Meireles e Michelle Moura, com o grupo Dimenti aqui de Salvador, com Márcio Vito, Clara Kutner, Thomas Lehmen, Enrique Diaz e Tiago Rodrigues, e com meus cônjuges Felipe Rocha, Stella Rabello, Renato Linhares e Marina Provenzano dos Foguetes Maravilha. Meu olhar é atravessado por estas pessoas, pela curiosidade que

elas me provocam.

Trabalhando com diversas linguagens e sempre envolvido em algum projeto, o que inicialmente te impulsiona a um novo trabalho, a pular para mais uma casa deste jogo que é a criação artística?

"Trabalhando com diversas linguagens e sempre envolvido em algum projeto" parece uma imagem de *globetrotter* da arte contemporânea, viajando de óculos escuros para mais uma estreia, mais um processo incrível. Por um lado, o que me impulsiona é o cotidiano do meu ofício: responder a um convite ou fazer um convite, inscrever um projeto em um edital dentro do prazo, ir a muitas reuniões, trabalhar muitas horas por dia em uma sala sem janelas, passar muitas horas esperando que algo aconteça, que chegue uma pessoa, ou um equipamento, ou uma ideia. E por outro lado posso de novo falar em curiosidade: o que me impulsiona é conversar com alguém, tocar alguém, ler um livro, ver um espetáculo ou um filme, ter um sonho, uma associação de ideias que por um tempo não faz absolutamente o menor sentido. Imaginar como seria a existência de algo que ainda não existe.

Na versão mais comum do jogo da amarelinha, tem uma hora que o vencedor chega ao céu. O céu é o limite?

Quando criança, eu era muito ruim de amarelinha, raramente chegava ao céu. Mas o céu não é o final, é só mais uma etapa, não é? Se você chegar ao céu vai querer começar tudo de novo. É o bacana dos jogos, recomeçar outra vez, tantas vezes quanto quiser, sabendo que a trajetória pode ser reconhecível, mas também vai ser sempre imprevisível.

### Deixe uma resposta

O seu endereço de email não será publicado Campos obrigatórios são marcados \*

Nome \*

Email \*

Site

Comentário

Publicar comentário

mapa do site

[\\_fiac 8 \(2015\)](#)

[Editorial](#)  
[Espetáculos](#)  
[Espacos](#)  
[Pátio Fiac Petrobras](#)

[Dramaturgia Espanhola](#)  
[Parceria Fiac Oi Kabum!](#)  
[Bilheteria](#)  
[Equipe](#)  
[Parceiros](#)

[\\_institucional](#)

[Notícias](#)  
[Quem Somos](#)  
[Contato](#)

criação: TANTO / desenvolvimento: DIEGO FOX

Coordenação

[Felipe de Assis e Ricardo Libório](#)  
Telefone: +55 71 3037 0100  
[felipe@7oito.com](mailto:felipe@7oito.com) / [ricardo@realejo.com](mailto:ricardo@realejo.com)

Assessoria de Comunicação

[Joceval Santana](#)  
Telefone: +55 71 9267 0116 / 9367 3877  
[joceval.santana@gmail.com](mailto:joceval.santana@gmail.com)